Prefácio

Angela Maria de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, A.M. Prefácio. In: FREIRE, R.S. *Hip-hop feminista?* Convenções de gênero e feminismos no movimento Hip-hop soteropolitano [online]. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018. Bahianas collection, n. 20, pp. 13-19. ISBN: 978-85-232-1862-1. <https://doi.org/10.7476/9788523218621.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Angela Maria de Souza¹

Realizar uma pesquisa sobre o movimento Hip-hop nos suscita inúmeros debates e proposições. Se esse Movimento é realizado por mulheres, a discussão só se amplia. Esse é um dos aspectos que quero ressaltar neste trabalho, as problematizações e provocações que nos proporciona e que nos fazem refletir sobre as pautas e demandas levantadas por essas mulheres na cidade de Salvador.

Se voltarmos nosso olhar para os anos de 1990, quando começaram as primeiras pesquisas sobre o movimento Hip-hop, podemos perceber mudanças bastante significativas com relação à ampliação desta temática nas mais diversas áreas do conhecimento. Porém, essa ampliação não significa grandes aberturas acadêmicas para o debate sobre o próprio movimento Hip-hop e o que ele se propõe, ao contrário, as barreiras persistem. Mas no caso deste estudo quero problematizar essa questão a partir da relação e do pertencimento estabelecido entre as interlocutoras

1 Docente do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino Americanos – PPG IELA, do Curso de Antropologia e Pró-Reitora de Extensão na Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Latino Americanos (NEALA).

da pesquisa, o que muda de forma determinante o olhar e o fazer acadêmico sobre temáticas como o movimento Hip-hop.

Mulheres Negras são as condutoras desta obra, tanto quem a escreve, Rebeca Sobral Freire, como a partir do olhar que ela direciona e na forma como estabelece a interlocução com outras mulheres que estão dentro do movimento Hip-hop em Salvador. Rebeca nos mostra duas combinações pouco visibilizadas, mulheres no movimento Hip-hop e suas práticas a partir da cidade de Salvador-Bahia, conhecida por tantos outros estilos musicais, o que faz total diferença na produção de um movimento Hip-hop feminista ou feito por mulheres, bem como na realização deste trabalho.

Com uma perspectiva interseccional, este trabalho nos traz um debate fundamental a partir de uma tripla perspectiva, de gênero, de raça e de classe que perpassa o universo de mulheres do movimento Hip-hop soteropolitano e nele acrescenta a questão da juventude como determinante para o direcionamento deste olhar.

Além da interseccionalidade, tal etnografia é produzida a partir do envolvimento da pesquisadora na sua forma de atuação neste espaço de luta e debate político. Além do consistente envolvimento acadêmico, esta pesquisa é resultado de um envolvimento político que faz total diferença na relação estabelecida com as mulheres do movimento Hip-hop. Mesmo essa relação sendo bastante questionada na academia, e muitas vezes chamada pejorativamente de militância, não há como pensar numa perspectiva estritamente acadêmica, já que, enquanto mulheres negras, jovens, oriundas das classes populares, nossas pesquisas são perpassadas, transpassadas, e se estabelecem nessa relação no trabalho de campo, como podemos perceber nesta pesquisa engajada que aqui se apresenta e que torna-se um diferencial estruturante deste trabalho.

As trajetórias das mulheres do movimento Hip-hop não são trajetórias tão distantes do universo da pesquisadora. O envolvimento e o comprometimento vão muito além do meramente acadêmico e entrecruzam-se como trajetórias de vida que marcam estas páginas escritas e apresentadas como pesquisa; e este é um movimento epistemológico determinante para repensarmos as bases em que se sustentam os conhecimentos acadêmicos, ou seja, para problematizá-los. O conhecimento não é desinteressado, mas precisamos saber e definir o que significam esses interesses e como são utilizados nos espaços acadêmicos, que são também espaços de poder, espaços definidos por práticas racializadas e masculinizadas. Problematicar esses espaços é problematizar as formas como são ocupados e isso significa ter uma atuação política dentro dos espaços acadêmicos. Posicionamentos militantes e acadêmicos se cruzam, são posicionamentos políticos.

Ao entrarmos nas universidades nossos corpos falam, informam quem somos, Mulheres Negras. Somente isso seria suficiente para termos uma postura política perante as forças que nos afetam ou nos mobilizam, e situo, entre essas, as escolhas que realizamos para construir nossas trajetórias acadêmicas, nas quais estão as temáticas e abordagens das pesquisas que realizamos. Tudo isso informa sobre nossos posicionamentos políticos nos espaços acadêmicos.

No caso desta pesquisa, não temos como não ressaltar que dentro do movimento Hip-hop as mulheres negras vêm gerando provocações que o redefinem. Se há uma renovação do movimento Hip-hop atual, essa vem se dando em função das posturas, posicionamentos e produção artístico-cultural dessas mulheres no Movimento. Suas pautas, suas trajetórias e suas demandas dinamizam o movimento Hip-hop e os homens precisam se posicionar, inclusive com relação aos espaços que ocupam. Essas mulheres geram mudanças nesses espaços e só por isso já deveriam

ser consideradas feministas, mas elas representam muito mais, representam uma trajetória que é invisibilizada, a história das Mulheres Negras, a qual mais do que feminista é revolucionária, é a própria história da resistência. Quando Eliciana nos diz que [...] *uma coisa que eu sempre ouço é que enquanto as mulheres brancas estavam queimando sutiã, as mulheres negras estavam incendiando fazendas!* Ela ressalta a forma de posicionamento dessas mulheres. Guardadas as devidas proporções entre as épocas e movimentos históricos, ela nos faz perceber que para nós, mulheres negras, lutar por direitos, igualdade e cidadania é nossa história, é a própria resistência que nos faz persistir. Na história, nunca tivemos a opção de não lutar, afinal de contas, da luta dependemos para a própria existência.

Esse cenário reflete o reforço de uma politização do movimento Hip-hop, muitas vezes comprometida quando alguns desses jovens são seduzidos por práticas midiáticas e comerciais. São essas mulheres que retomam e renovam a discussão que fortalece o movimento Hip-hop como espaço de luta e contestação, principalmente tendo suas trajetórias de vida como condutoras

2 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Atlas da Violência 2017. Rio de Janeiro, 2017.

de suas práticas militantes e políticas. Para essas mulheres, discurso e prática são constituintes da mesma ação.

Gostaria de ressaltar aqui outro aspecto que considero relevante neste trabalho. Se vários trabalhos sobre o movimento Hip-hop se relacionam a gênero pela análise das letras de *rap* e por usarem referências do *Rap* das Mulheres do contexto nacional, este trabalho nos apresenta uma etnografia realizada entre jovens mulheres que produzem *rap* numa perspectiva interseccional. As mulheres do movimento Hip-hop soteropolitano possibilitam aprofundar um debate, ainda hoje, pouco considerado nos espaços acadêmicos, ou seja, ainda são perspectivas percebidas como pouco relevantes dentro da academia e que realizá-lo implica num posicionamento político dentro das universidades. Este trabalho, através das vozes das mulheres do movimento Hip-hop de Salvador, a partir de suas perspectivas e posicionamentos políticos e militantes, busca ampliar a cidadania das mulheres em todos os seus aspectos, mas, especialmente, no que se refere aos direitos das Mulheres Negras.

Mesmo o movimento Hip-hop ainda sendo um espaço de maioria masculina, essas mulheres não “descobrem brechas”, elas conquistam espaços a partir de suas pautas e de suas posturas. Renovam o movimento Hip-hop com pautas criadas a partir de suas vivências e experiências enquanto jovens mulheres negras, enquanto sujeitos políticos, assim como a autora desta obra. Nesse posicionamento segue o desafio de fazer do movimento Hip-hop um movimento social nas práticas da diáspora afro-latino-americana.

O movimento Hip-hop das mulheres negras gera uma renovação das lutas políticas dos movimentos negro, feminista, da juventude, de periferia, artístico-cultural e de muitos outros que, a partir de suas práticas e intervenções, possibilitam uma

ampliação do debate político numa perspectiva local-transnacional que é constituinte de suas práticas, como nos coloca Negramone:

Esse feminista local a gente pode se dizer que a gente, enquanto juventude, enquanto mulheres, ele existe, mas [...] entendendo as suas diversidades, entendendo [...] como a gente quer o feminismo. Não é universal, é como o Hip Hop. O movimento Hip Hop não é universal dentro de uma política de justiça social, racial. Ele existe em suas diversidades, ele tem as suas outras vertentes de filosofia assim como o feminismo, entendeu? Por isso que gente vai direcionando pra aquele feminismo local, aquele movimento local, mas dialogando com essa diversidade nacional e internacional e entendendo essa diversidade.

Essa fala nos remete a uma das bases do movimento Hip-hop, a qual prescinde de um contexto local para sua formação, constituição e luta, porém em diálogo permanente com os espaços internacionais e as políticas transnacionais sobre as temáticas e pautas que os afetam. E o mesmo elas fazem com o feminismo, pois as pautas específicas são constituintes das práticas do movimento Hip-hop das mulheres negras, assim como se conectam com contextos muito mais amplos, que unem lutas e com isso renovam as práticas do feminismo. Esse é um feminismo negro que parte das práticas e ações do movimento Hip-hop e vice-versa, como espaço de luta política. A maneira como essas jovens se apropriam e produzem o movimento Hip-hop dá forma a suas lutas políticas de jovens mulheres negras, ou seja, de uma perspectiva interseccional.

Retomando uma questão fundamental do trabalho, a tripla articulação entre movimento Feminista, movimento Negro e movimento da Juventude, é necessário destacar que esse posicionamento

parte da vivência dessas mulheres a partir de suas trajetórias pessoais e históricas. Assim como inúmeras mulheres negras, a luta é permanente e cotidiana e essas lutas passam a entrar no contexto acadêmico quando pesquisadoras são também mulheres negras. Essa interlocução é determinante para pensarmos trajetórias políticas, acadêmicas e militantes que se cruzam e fazem parte de uma mesma trajetória de vida.

Esta pesquisa nos permite vislumbrar potencialidades de renovação de movimentos políticos e artístico-culturais determinantes na luta pela cidadania, pautada no respeito à diferença, seja no movimento feminista, no movimento Hip-hop, no movimento negro ou nos movimentos das juventudes. Em todos esses reside um pertencimento que fortalece as lutas e que faz da trajetória dessas mulheres direcionadoras de visibilidades e conquistas cada vez mais urgentes, especialmente no atual momento político.